

INSTITUTO FEDERAL GOIANO
CAMPUS AVANÇADO IPAMERI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU*
DOCÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR

**A RESPONSABILIDADE DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE ENSINO
APRENDIZAGEM: BREVES CONSIDERAÇÕES**

IPAMERI (GO)
ABRIL/2019
KARLA ADRIANA QUINTANILHA BRANDÃO

INSTITUTO FEDERAL GOIANO
CAMPUS AVANÇADO IPAMERI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU*
DOCÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR

KARLA ADRIANA QUINTANILHA BRANDÃO

**A RESPONSABILIDADE DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE ENSINO
APRENDIZAGEM: BREVES CONSIDERAÇÕES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Federal Goiano, Campus Avançado Ipameri, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Docência no Ensino Superior.

Orientadora: Profa. Laressa Rodrigues Rocha

IPAMERI (GO)
ABRIL/2019

Sistema desenvolvido pelo ICMC/USP
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas - Instituto Federal Goiano

BB821r Brandão, Karla Adriana Quintanilha
A responsabilidade da família no processo ensino
aprendizagem / Karla Adriana Quintanilha
Brandão; orientadora Laressa Rodrigues Rocha. --
Ipameri, 2019.
17 p.

Monografia (Graduação em Pós Graduação Lato Sensu em
Docência do Ensino Superior) -- Instituto Federal
Goiano, Campus Ipameri, 2019.

1. Escola. 2. Família. 3. Ensino. I. Rocha,
Laressa Rodrigues, orient. II. Título.

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR PRODUÇÕES TÉCNICO-CIENTÍFICAS NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DO IF GOIANO

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Institucional do IF Goiano (RIIF Goiano), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IF Goiano.

Identificação da Produção Técnico-Científica

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> Tese | <input type="checkbox"/> Artigo Científico |
| <input type="checkbox"/> Dissertação | <input type="checkbox"/> Capítulo de Livro |
| <input checked="" type="checkbox"/> Monografia – Especialização | <input type="checkbox"/> Livro |
| <input type="checkbox"/> TCC - Graduação | <input type="checkbox"/> Trabalho Apresentado em Evento |
| <input type="checkbox"/> Produto Técnico e Educacional - Tipo: | _____ |

Nome Completo do Autor:

Matrícula:

Título do Trabalho:

Restrições de Acesso ao Documento

Documento confidencial: Não Sim, justifique: _____

Informe a data que poderá ser disponibilizado no RIIF Goiano: ___/___/___

O documento está sujeito a registro de patente? Sim Não

O documento pode vir a ser publicado como livro? Sim Não

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O/A referido/a autor/a declara que:

- o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- obteve autorização de quaisquer materiais inclusos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano.

Spameri 27/04/2019
Local Data

Karla Adriana B. Brandão
Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais

Ciente e de acordo:

Abrenso Rodrigues Rocho
Assinatura do(a) orientador(a)



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA GOIANO
CAMPUS AVANÇADO IPAMERI

ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC) DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO-SENSU (ESPECIALIZAÇÃO) EM DOCÊNCIA DO ENSINO SUPERIOR

No dia **27 de abril de 2019**, às **10 horas**, na Sala de Reuniões do Instituto Federal Goiano - IF Goiano, Campus Avançado Ipameri, sob a presidência da Professora Ma. Laressa Rodrigues Rocha, reuniu-se, em sessão pública, a Banca Examinadora de Defesa do Trabalho de Conclusão de Curso da aluna **Karla Adriana Quintanilha Brandão**, do curso de Pós-Graduação Lato-Sensu (Especialização) em Docência do Ensino Superior, visando à obtenção do título de Especialista. A banca foi constituída pelos professores: Ma. Laressa Rodrigues Rocha (orientadora) e presidente, Dra. Rozane Alonso Alves e Ma. Uiara Vaz Jordão, com anuência da Coordenação do Curso. Iniciados os trabalhos, a presidência deu conhecimento aos membros da Banca, e à candidata, das normas que regem a defesa de Trabalho de Conclusão de Curso. A seguir, a aluna passou à defesa de seu trabalho intitulado: "**A responsabilidade da família no processo de ensino aprendizagem**". Encerrada a defesa, procedeu-se ao julgamento. Apuradas as notas verificou-se que a candidata foi aprovada, com a nota 8,0. Nada mais havendo a tratar, lavrou-se a presente ata, que vai assinada pelos membros da Banca Examinadora e por mim, em 27 de abril de 2019.

Acadêmica: Karla Adriana Quintanilha Brandão

Profa. Ma. Laressa Rodrigues Rocha - Orientadora e Presidente
Prefeitura de Ipameri (GO)

Profa. Dra. Rozane Alonso Alves - Membro Titular
Instituto Federal Goiano - Campus Avançado Ipameri (GO)

Ma. Uiara Vaz Jordão - Membro Titular
Instituto Federal Goiano - Campus Avançado Ipameri (GO)

SUMÁRIO

Introdução.....	6
Características teóricas dirigentes das práticas pedagógicas.....	8
A família no processo de ensino aprendizagem escolar.....	12
Considerações finais.....	19
Referências.....	20

A RESPONSABILIDADE DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM: BREVES CONSIDERAÇÕES

Karla Adriana Quintanilha Brandão¹
Laessa Rodrigues Rocha²

Resumo: O objetivo deste trabalho foi versar sobre a proficiência e necessidade do trabalho parceiro entre família e escola para a formação das crianças enquanto sujeitos sociais ativos, buscando analisar a responsabilidade da família frente ao sucesso/fracasso escolar no processo ensino aprendizagem. Isso se faz necessário, pois perpassamos por frequentes períodos de conturbação e desintegração de valores oriundos das mudanças das configurações socioculturais que se alteram celeremente. Presenciamos momentos de extremo individualismo em detrimento do trabalho coletivo. Para isso, propõe-se como metodologia trabalhar com pesquisa bibliográfica, com coleta e análise dos dados, a partir de textos oriundos de pesquisa recentes. Esta metodologia além de fazer conhecer a literatura já existente, contribui para a formulação de mais propostas e/ou pressupostos, a partir de comprovações ou refutações dos conceitos, usando a bibliografia existente como argumento (LÜDKE; ANDRÉ, 1986). Ademais, nos ajudou a compreender esta relação diante dos meios para um caminho de competência e respeito. A criança neste meio, não raras vezes, não consegue desenvolver no ambiente suas potencialidades, o que resulta em muitas consequências, seja no comportamento disciplinar ou no conhecimento cognitivo. Daí o fato que justifica a necessidade de estarmos em contínua discussão e reflexão sobre os contextos atuais, procurando compreender o maior número possível das configurações sociais dos alunos, para então criar habilidades e competências para a resolução dos problemas. Em suma, o que defendemos é a formação continuada do professor, permitindo-o que acompanhe as céleres mudanças que acontecem no mundo moderno. Assentadas nesta concepção, elaboramos um texto descritivo, fundamentado na pesquisa bibliográfica, que elucida e discute estas questões.

Palavras chave: Escola. Família. Ensino.

THE RESPONSIBILITY OF THE FAMILY IN THE PROCESS OF TEACHING LEARNING: BRIEF CONSIDERATIONS

Abstract: The objective of this work was to discuss the proficuity and necessity of the work partner between family and school for the formation of children as active social subjects. We go through frequent periods of disruption and disintegration of values arising from changes in sociocultural configurations that change rapidly. We witness moments of extreme individualism at the expense of collective work. Reflecting on these perspectives, we seek to analyze the responsibility of the family against school success / failure in the process of teaching learning. For this, it is proposed as methodology to work with bibliographical research, documentary as data collection and analysis. This methodology, in addition to making known the

¹ Aluna do Curso de Especialização em Docência do Ensino Superior, ofertado pelo Instituto Federal Goiano, Campus Avançado Ipameri – e-mail: karlineju@gmail.com

² Professora orientadora do trabalho – e-mail: laessarocha@gmail.com

existing literature, contributes to the formulation of more proposals and / or assumptions, based on proofs or refutations of the concepts, using the existing bibliography as an argument (LÜDKE; ANDRÉ, 1986). In addition, it helped us to understand this relation before the means for a path of competence and respect. The child in this environment, not infrequently, can not develop its potential in the environment, which results in many consequences, be it in disciplinary behavior or cognitive knowledge. Hence the fact that we need to be in continuous discussion and reflection on current contexts, trying to understand as many of the students' social configurations as possible, in order to create abilities and skills to solve problems. In short, what we defend is the continued formation of the teacher, allowing him to follow the rapid changes that take place in the modern world. Based on this conception, we elaborated a descriptive text, based on the bibliographical research, that elucidates and discusses these questions.

Keywords: School. Family. Teaching.

Introdução

O desenvolvimento acelerado e as circunstâncias oriundas desse processo é algo para se refletir atualmente por familiares e a escolas. O fato é que a sociedade tem passado por varias transformações sociais e culturais importantes nos últimos tempos e, como era de esperar, novas concepções familiares, bem como o relacionamento entre sujeitos no meio familiar, retratam em grande proporção essas mudanças (CASARIN, 2007).

O conceito de Família constitui um processo de socialização na construção da identidade, perpassando por configurações diversificadas da constituição familiar, considerando-a “como espaço histórico e simbólico no qual e a partir do qual se desenvolve a divisão do trabalho, dos espaços das competências, valores, dos destinos pessoais de homens e mulheres, ainda que isso assuma formas diversas nas várias sociedades” (SACARENO, 1997, p.14). Deste modo, entendemos que a Família é um grupo social que se encontra em modificação nas mais variadas formas estruturais, seja na configuração convivência/educação, seja na variedade de membros³ etc.

Do mesmo modo, a escola também se encontra em construção e em transformação do processo ensino aprendizagem podendo passar por modificações e alterações educacionais, seja na questão social, cultural e/ou tecnológica. Isso

³ Aqui nos referimos a grupo familiares que são alterados os membros, por exemplo, após uma separação de algum dos pais, passam a conviver com a inserção de mais um membro; ou, por algum motivo específico, vão morar com avós, tios etc. com quem não tinham contado diário.

acontece, pois como bem explica Blender (2013), a educação se incube de formar a sociedade no ser, prática social direcionada a sociedade, que tenciona a edificação do cidadão.

Estes conceitos de Família/Escola perpassam por constantes dificuldades no que concerne a definir com exatidão e precisão os atos de educar ou ensinar o educando. O primeiro quesito é que não podemos falar de dificuldades tendo somente a criança como ponto de referência: o contexto em que a criança se encontra precisa ser considerado. A família deve ser parceira, aliada à escola e aos professores, para juntos oferecerem um trabalho de envolvimento e cumplicidade nos assuntos relacionados ao ambiente escolar. Assim, tornam-se parceiros indispensáveis na formação do desenvolvimento de ações que proporcionem o sucesso escolar e social das crianças, formando uma equipe. É de suma importância que ambas sigam os mesmos princípios e critérios intelectuais e culturais, bem como a mesma direção em relação aos objetivos que desejam atingir.

Como podemos pensar essas questões dentro do ambiente escolar: Quem educa?; Quem ensina?; Quais motivos que levam as crianças ao fracasso escolar?; Como chegar ao sucesso para o processo ensino aprendizagem?, entre outras. Mas, a princípio, temos que buscar respostas neste envolvimento escola/família que é muito importante para a interação entre ambos, pois a formação da criança transcorre nos dois ambientes. Propondo conhecer a família do aluno com os quais lidamos. As respostas a essas perguntas constituiriam informações preciosas para que os professores possam avaliar o êxito de suas ações enquanto educadores, identificar demandas e construir propostas educacionais compatíveis com a realidade de seus alunos (PENTEADO, 2006 apud FIALE ANO, 2016).

Diante desse tipo de questionamentos, a criação dos filhos pela família têm sido objeto de estudos para se tentar encontrar soluções para o fracasso escolar. Martins Filho (SANTO, 2014) discute a necessidade de haver uma boa relação da criança com a família e que esta deve estar presente em sua educação escolar, a fim de que possa obter sucesso.

Trata-se de uma luta necessária para contribuir no processo de ensino aprendizagem do educando, pois somente com a família interagindo com a escola é que o aprendiz terá uma boa formação e um preparo para tomar atitudes para enfrentar as dificuldades, que certamente virão no decorrer de sua vida em sociedade. Quando se fala em vida escolar e sociedade, Freire (1999) diz que a

educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.

Contudo existem muitos estudos sobre fracasso escolar, como os de Brendler (2013), Dessen e Polônia (2007), Sampaio (2012) e Santos (2014); que nos convidam a pensar que há muitas causas para serem estudadas e compreendidas, direcionadas entre a responsabilidade da Família frente o sucesso e ao fracasso escolar no processo ensino aprendizagem. Também refletindo sobre isso, este artigo tenciona, em linhas gerais, mostrar a importância da integração da família/escola, através de uma discussão teórica. Sabemos que o problema da discussão sobre o trabalho parceiro da família e da escola não é novidade, mas mesmo assim faz-se necessário aumentar o número de discussões a respeito, ajudando dar a conhecer o maior número possível de educadores e pesquisas no assunto, na busca de uma solução concreta.

Destarte, o trabalho busca analisar a responsabilidade da Família frente o sucesso e ao fracasso escolar no processo ensino aprendizagem; para isso, foi necessário compreender para definir o (i) papel da família na escolarização e educação; (ii) o papel da escola, especialmente a do professor; e (iii) refletir sobre as metodologias de ensino que são utilizadas atualmente. Para alcançar esses objetivos, utilizamos como metodologia trabalhar com pesquisa bibliográfica e documental, com coleta e análise dos dados.

Estudos deste teor se fazem necessário, dada as constantes alterações que as estruturas familiares perpassam, de maneira que consigamos manter ou aumentar o nível de aprendizagem das crianças.

Características teóricas dirigentes das práticas pedagógicas

A Educação, em linhas gerais, é um assunto que versa sobre a existência humana no decorrer de todo o percurso do indivíduo e da sociedade, mas de diferentes formas, em razão das distintas culturas. A educação se relaciona com a evolução formativa da humanidade no ser, na prática e no social orientada pela sociedade, objetivando a edificação do cidadão (BRENDLER, 2013).

De acordo com Durkheim (1974), a palavra Educação, etimologicamente provem do Latim *Educare*, onde *e* significa fora ou exterior e *ducere* significa guiar, instruir, conduzir. Contextualizando, a Educação tem um sentido literal de “guiar para

fora”. Para o autor a Educação é a ingerência que as gerações jovens e os adultos possuem acerca das futuras gerações no fito de muni-las para a vida em sociedade. Seu propósito é romper e desenvolver na criança a prática intelectual, moral e física que são fundamentais para uma convivência prudente em sociedade.

A educação, seja ela formal ou informal, na maioria dos casos, é estimulada na criança pelo adulto, que almeja transmitir conhecimentos, regras de desenvolvimento da parte psicológica, seja qual for a classe, viés instituições escolares. Assim sendo, “o conhecimento é socialmente construído a partir de espaços de troca, de reflexão, em que as realidades de cada sujeito são transformadas, colaborando para o desenvolvimento pessoal e social” (COSTA, 2002, s./p.).

O lugar mais comum que acontece o estímulo e a inserção do conhecimento é a escola que, por sua vez, é de origem grega, *Skhole*, que significa “ócio” e “discussão ou conferência”. A escola, desde a sua invenção, foi frequentada por sujeitos vinculados ao ofício material e/ou político, que poderiam se dedicar a atividades não ligadas diretamente aos procedimentos organizacionais materiais e/ou sociais da vida. É por este motivo que as instituições escolares precisam se regular a destoantes realidades e épocas. De maneira summa, “a escola é o lugar de concepção, realização e avaliação de seu projeto educativo, uma vez que necessita organizar seu trabalho pedagógico com base em seus alunos” (VEIGA, 1995, p. 11).

Para Sampaio (2012), a escola é um dos principais espaços/meios sociais da criança, por este motivo, exerce uma função fundamental, a de ser um espaço onde a criança relacionará com outros granjeando conhecimentos e sentimentos. O ambiente escolar deve ainda ser um gerador de curiosidade e, conseqüentemente, de aprendizagem.

De acordo com Brendler (2013), o modelo de escola que temos hoje é o mesmo implantado no Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova, uma instituição pública, gratuita e laica para todos. Estas características são as que permanecem iguais, enquanto que a função social e o ofício docente se alteram em conformidade com a época. As instituições de ensino sempre formarão cidadãos, independente da época, mas, como sabemos, os agentes que a organizam, estruturam e frequentam se alteram em conformidade a realidade sociocultural da época, daí a necessidade estarmos sempre em discussões e reformulações. A respeito,

Os sujeitos da escola poderão, dependendo da época, tomar posições variadas como conformismo, adaptação, contraposição, questionamento, diálogo entre outros. Entretanto, sempre dentro de sua época. Aprendizagem é o processo de aquisição de conhecimento e de hábitos, promovidos por fatores externos e internos em função da adaptação. No ser humano é bem mais complexo do que nos animais, a diferença é de que no ser humano é mais flexível e no animal é mais rígido (instintivo) (BRENDLER, 2013, p. 11).

Qualquer sujeito humano, ainda segundo a autora, possui aprendizado cognitivo, de hábitos e habilidades, que ocorre de fora para dentro, isto é, fatores internos e externos devem ser determinados para desenvolver a aprendizagem. Os fatores internos dizem respeito à maturidade, hereditariedade, motivação e constituição atual. Os fatores externos dizem respeito à cultura, política, religião etc. A partir disso, a aprendizagem organiza o mundo dentro de cada um, em acordo com suas necessidades atuais. Brendler (2013) também faz uma definição sobre o aprendizado ético, que concerne ao processo de obtenção de hábitos que demonstram virtudes e destoantes valores; por este motivo, se almejarmos que os aprendizes possuam hábitos, é necessário que os docentes possuam valores.

Por outra vertente, Fernandez (2004) explica que o ser humano aprende a partir do organismo individual herdado, isto é, a partir do seu corpo, da sua inteligência e do seu desejo, que se inicia até mesmo a partir do ventre materno. Segundo o autor, na aprendizagem sistemática a criança organiza continuamente de agora em diante a algo que já sabe para algo novo, amplificando o nível de dificuldade, por isso é essencial considerar os conhecimentos prévios dos aprendizes, para desta forma desenvolver uma aquisição de conhecimento significativa.

Fernandez (2014) ao historicizar como era vista a infância, conta que no período de maior inserção de conhecimento, que principia o processo formativo do sujeito, acontece já na infância, por este motivo se tornou objeto de estudos de inúmeras pesquisas. O conceito de infância se alterou muito no andar da sociedade, no decorrer da história da humanidade. Durante o período medieval a infância não era considerada como uma única fase na vida do ser humano. No período da Idade Média, esta mesma ideia e postura de abandono ainda prevaleciam, amparado na justificativa de que a pobreza era um dos maiores motivos que colocavam a criança no desamparo.

Alguns autores, como Ariés (1978), explicam que a partir dos séculos XI e XIV as crianças eram tidas como adultos em miniaturas, um dos formadores desta ideia foi a igreja, que desenvolveu trabalhos vistos como caridade pública. Foi neste período que surgiu a percepção vinculada ao cristianismo, que colocava como normal para os pais perderem um filho justificado no fato de que a mortalidade infantil era muito alta. No século XVI também apareceu o sentimento de “paparicação”, fazendo da criança sinônimo de distração para os adultos, contudo essa concepção logo se findou substituído pela ideia de caráter moralista.

Historicamente, no Brasil, os jesuítas, no século XVI, propositaram catequizar as crianças, fazendo-as abandonarem suas culturas e que submeterem a castigos e punições. No século XVII, a família moderna se incumbiu de uma nova missão nos vínculos com as crianças, passando a demonstrar mais preocupação com a infância. No século XVIII, surgiram os preceitos de cuidado, não deixando mais as crianças sozinhas, zelando-as com afeto, de maneira que não as mimassem. No findar do século XVIII e nos séculos XIX e XX, as primeiras políticas públicas foram elaboradas, consideradas como uma evolução na ciência, medicina higiênica e interesse pela nação (BRENDLER, 2013).

Diferentemente do passado, a criança hoje preenche um lugar próprio na sociedade, díspares dos locais dos adultos. Vivem em diferentes contextos, versam sobre a sua realidade e, por mais que algumas passem por dificuldades, quase todas são felizes, curiosas, ativas e buscam sempre uma resolução para seus problemas (ARANTES, 2011).

Isso ficou tão presente e nítido, que foi promulgado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que determinou como dever da família e do estado preparar e qualificar o sujeito, especialmente as crianças, para ser livre e consciente de seus direitos como cidadão.

Por fim, por meio desta breve discussão, corroboramos o quão a infância e a sua formação/aprendizagem são necessárias e, por isso, devem ser analisadas, discutidas e trabalhadas com atenção para que sejam favoráveis para todos, especialmente para as crianças, que precisam desenvolver todas as suas potencialidades, sobretudo a de reflexão, tornando-se capazes e responsáveis pela construção da própria identidade.

A família no processo de ensino aprendizagem escolar

Com vistas a demonstrar a proficuidade e necessidade da participação da família no cotidiano escolar das crianças/alunos, apresentamos algumas discussões de cunho teórico embasados em pesquisas recentes, especialmente textos de autores que realizaram pesquisas de cunho metodológico de campo, pesquisas práticas.

As discussões no que diz respeito a relação família e escola não são assuntos inéditos, muito menos atuais; o que temos visto crescer são discussões sobre a necessidade da desconstrução de modelos tradicionais, que vêm sendo mantido a séculos. Segundo Brambatti (2010), A concepção de família está se alterando rapidamente em razão de vários fatores, por exemplo, nos dias atuais existem famílias dentro de famílias; outro exemplo são as inúmeras construções de famílias que a criança faz parte, pois depois de presenciar separações e novos casamentos, em alguns casos, passam a compor um grupo familiar diferente, isto é, com diferentes tipos de núcleos familiares. O autor nos alerta, ainda, para as situações que podem interferir negativamente dentro destes novos contextos familiares; por isso, não raro, especialistas se deparam com mães e pais que ao invés de serem cuidadores, tornaram-se gerenciadores de filhos, que em alguns casos nem são seus.

Outro problema que tem atingido um número grande de famílias é a redução do tempo destinado ao convívio familiar, ocasionado, especialmente, pelo rápido crescimento capitalista que colocou várias figuras da família no contexto mercadológico. Além do mais, isto ocasionou também o escasso contato das crianças com outros membros familiares, como avós, tios etc. Por este motivo, a escola tem se tornado um elo entre a família e a sociedade. Todavia, ambos os grupos não estão preparados para assumirem estas novas funções, de maneira que não ignorem a importância de cada um no processo educativo, mas sabendo que ambos são necessários e imprescindíveis no processo de educação.

Chaves *et al* (2002) citam que os integrantes das famílias hodiernas estão se defrontando e adaptando às novas feições de coexistências derivadas das

alterações na sociedade, ou seja, do confronto entre os valores antigo e as novas formas de relações. Enquanto um sistema social, que agrega inúmeros outros subsistemas, os objetivos dos seus integrantes são determinados em cargos de etapas de progresso do sujeito e da família enquanto partes constituintes de um grupo maior, a sociedade. Consoante a estas informações, Dessen e Polonia (2007, p. 23) ao interpretarem as ideias de Petzold (1996 *apud* DESSEN; POLONIA, 2007) colocam que:

Sendo composta por uma complexa e dinâmica rede de interações que envolve aspectos cognitivos, sociais, afetivos e culturais, a família não pode ser definida apenas pelos laços de consangüinidade, mas sim por um conjunto de variáveis incluindo o significado das interações e relações entre as pessoas. A própria concepção científica dela evidencia o entrelaçamento das variáveis biológicas, sociais, culturais e históricas que exercem grande influência nas relações familiares, constituindo a base para as formas contemporâneas dela. Os laços de consangüinidade, as formas legais de união, o grau de intimidade nas relações, as formas de moradia, o compartilhamento de renda são algumas dessas variáveis que, combinadas, permitem a identificação de 196 tipos de famílias, produto de cinco subsistemas resultantes da concepção ecológica de micro, meso, exo, macro e cronos sistema.

Diante das céleres mudanças que vem ocorrendo, como demonstrado pelo excerto acima, a escola precisa estar em constante formação/alteração na sua metodologia de educar, de modo que consiga ainda fazer com que a criança/aluno continue resolvendo os problemas/conflitos pertencentes inevitavelmente a sociedade, isto porque, é “na escola, refletindo sobre o que há para ser ensinado às crianças, sobre a metodologia que pode tornar mais coesa a ação do conjunto docente, que a escola poderá encontrar saídas legítimas à superação dos problemas morais e éticos que assolam o seu dia a dia” (BRAMBATTI, 2010).

Por este motivo, é necessário sabermos sobre os alunos e as famílias que estamos acolhendo na escola, especialmente as suas dificuldades, metas e medos, isto é, as características que marcam as suas histórias. Isto se faz preciso, pois é necessário avaliar o feito de nossas atividades enquanto educadores, construindo novos projetos educacionais a partir das diligencias que chegam ao ambiente escolar (FREIRE, 1999).

Oliveira (2000) afirma que a escola é um estabelecimento social com propósitos e alvos específicos, que admite e reelabora os saberes construídos

socialmente, no almejo de fomentar a aprendizagem e efetivar o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, em vários níveis, como a associação de ideias, a criatividade, a memória seletiva, a continuidade de conhecimentos etc. É na instituição escolar que o sujeito passa a desenvolver as atividades de forma preditiva, isto porque, no ambiente escolar, existem períodos e exercícios que são elaborados com metas programadas e outras informações que determinam o contato dos sujeitos com o seu ambiente social. Para ilustrar isso, o autor explica que é na escola, por exemplo, que os aprendizes começam a desenvolver o senso de rotina, com períodos para intervalos e lanches, sempre almejando educacionalmente se estruturarem em meio a convivência em grupo e à introdução no meio coletivo. No que diz respeito aos conteúdos pragmáticos, é na escola que se aprende, principalmente, o domínio e interpretação das regras essenciais para a manifestação oral e escrita, além de realizarem os cálculos básicos.

Tedesco (2002) corrobora bem esta ideia ao explicar que a modificação dos moldes do apoio familiar não é marcada apenas na falta da família no auxílio da realização das atividades escolares, mas também nas novas formas/concepções que as crianças têm adentrado na escola, ainda faltante em personalidade, seja por ausência de referência ou mesmo formação. De forma mais clara e objetiva, a criança vai a escola sem saber realmente qual a necessidade dela.

Para Brambatti (2010), quando a escola ainda está despreparada para agir com este tipo de público, seja por falta de quadro funcional ou por não exercer as suas funções de formação, o desinteresse pelo estudo começa desde cedo nas crianças, que se tornam desinteressados, inábeis, com baixa e, sobretudo, indisciplinadas, que não se preocupam com a construção de sua personalidade dentro da sociedade. Como bem coloca Parrat-Dayán (2008), as crianças não se tornaram responsáveis apenas com a ação de lhes dizerem para serem responsáveis, isso é um processo moroso e de caráter progressivo que devem ser desenvolvidos pelos indivíduos que fazem parte da vida social da criança, sobretudo a família e a escola. Ambos são as referências mais importantes para promoverem e desenvolverem os valores humanos nos jovens.

A escola, como dito preliminarmente no texto acima, é um ambiente social formado por trabalhadores do ramo coletivo destinado a formação de sujeitos, mais especificadamente, responsável por educar escolasticamente, com regras e valores éticos, afetivos e morais, tudo voltado para a formação da cidadania. Infelizmente,

por inúmeros motivos, alguns alunos não possuem um ambiente familiar saudável, em muitos casos com a falta de algum membro importante para a educação (pai ou mãe), o que o transforma, involuntariamente, em um sujeito com ações inconsequentes ou inadequadas, que, infelizmente, interferem na sua formação de caráter e personalidade, afetando inclusive a sua formação escolar (DESSEN; POLONIA, 2007).

Essas situações negativas citadas acima ocasionam na criança e/ou adolescente vários sentimentos de caráter conflitantes, que além de ocorrerem em casa, também acontecem em outros ambientes, sobretudo o escolar. Os pais, com um falso sentimento de culpa, acabam por se tornarem extremamente permissivos, na fala ideia de que desta forma compense a ausência em determinados momentos de suas vidas. Esse tipo de situação, largamente discutido nos dias de hoje, tem ocasionado o que muitos chamam de pais reféns das vontades dos filhos, isto porque, com medo de contestá-los, prejudicam o seu desenvolvimento, tanto emocional quanto intelectual.

Cury (2003) explica de maneira direta que os pais que não reconhecem os próprios erros não conseguirão instruir e facear os próprios desacertos, para desenvolver com eles. Admitir que os filhos sempre possuem razão é destiná-los ao fracasso. Não lhes ensinar a pedir perdão é os ensinar a trabalhar com arrogância. E um dos requisitos mais importantes, os pais que não demonstram seus temores sempre terão dificuldades para preparar seus filhos a verem oportunidades em momentos de dificuldades. Vygotsky (1989) já dizia que os pais e a escola enquanto incumbidos pela formação social, cultural, cognitiva e afetiva das crianças, precisam ter bem separados os seus papéis e ações desempenhados. Isto porque, o desenvolvimento é um processo dialético onde são estabelecidos viés as interações estipuladas com parceiros, que cada pessoa – criança ou adulto – desempenha papel ativo. Sendo assim, nos formamos por meio das relações com os outros e com as trocas subjetivas realizadas cotidianamente.

Isto posto, ressalta-se a necessidade de a família sempre estar presente nas experiências dos filhos, de modo que acompanhe, envolva e colabore com o seu crescimento. Não é recomendado que se detenha apenas a questões cognitivas, mas do mesmo modo a questões comportamentais. Almejando sempre o bem-estar dos filhos, os pais devem estar prontos para imiscuir-se quando preciso da maneira mais apropriada possível, independente se este exigirá negar algo para a criança.

Assim sendo, “Educar, portanto, não é uma tarefa fácil, exige muito esforço, paciência e tranquilidade. Exige saber ouvir, mas também fazer calar quando é preciso educar” (BRAMBATTI, 2010, p. 7). É preciso ter em mente que os afetos e preocupações também se manifestam através de magoas e/ou decepções em determinadas situações, pois as crianças precisam compreender que os direitos estão diretamente associados aos deveres, isto é, o receber respeito exige, concomitantemente, o dar respeito.

Com base nisso, compreende-se também que os ambientes educacionais precisem dar destaque as reflexões político-filosóficas acerca dos significados e possibilidades da ação educacional para que alce, deste modo, o ideário para a escola. Apesar de não ser a única e principal formadora da cidadania, a escola depende da qualidade e igualdade de possibilidades educativas, pois os locais de aprendizagem precisam retomar a subjetividade inter-relacionada com a extensão social do ser humano, a comunicação e produção do conhecimento por meio de práticas educativas.

A família e a escola são instituições essenciais para o desenvolvimento e aprendizagem humana, podendo resultarem em frutos positivos ou inibidores, a depender da metodologia como instruem as crianças. Compreender como são estruturadas as relações em cada conjuntura é um patamar extremamente importante, na proporção em que possibilita reconhecer os pontos de vistas nos padrões de parcerias entre si. Por isso é de suma importância que a escola e, sobretudo, os professores, investiguem e tenham como ponto de partida as experiências dos alunos trazidas de casa. No que concernem a atividades de leitura “é muito importante que a escola conheça e saiba como utilizar as experiências de casa para gerir as competências imprescindíveis ao letramento” (DESSEN; POLONIA, 2007, p. 3), e no que concerne a interpretação de textos ou a escrita, é preciso encorajar os conhecimentos provenientes de outros ambientes, funcionando de auxílio à aprendizagem formal.

Estudos, como os de Dessen e Polonia (2007) têm demonstrado que a participação dos pais na educação escolar dos filhos aumenta consideravelmente o aproveitamento da criança. Dentre as inúmeras variáveis observadas quanto a estimulação do ensino, o empenho dos pais no processo educativo foi o quesito que mais influenciou, independente do grupo cultural e/ou social. “Os laços afetivos, estruturados e consolidados tanto na escola como na família permitem que os

indivíduos lidem com conflitos, aproximações e situações oriundas destes vínculos, aprendendo a resolver os problemas de maneira conjunta ou separada” (DESSEN; POLONIA, 2007, p. 27).

Neste sentido, as etapas de desenvolvimento típicos dos grupos familiares e das parcelas diferentes da escola, compõem princípios fundamentais na orientação de incitar alterações nos comportamentos da criança em crescimento, com reprodução direta na sua experimentação acadêmicas e psicológicas. A depender do grau de progresso e diligência do contexto, é possível que a criança ao adentrar a escola, tenha uma fase maior de autonomia e independência cotejado ao que tinha em casa, o que aumenta seu acervo social e associação de convivência. Deste modo, a escola oportuniza uma chance de habilitar um novo ofício que propiciará métodos importantes para a sua evolução cognitiva, física, afetiva e social, diversificado no meio familiar.

É preciso salientar que não existe somente uma maneira de incluir os pais na educação escolar dos filhos, por isso a escola precisa criar meios que possibilitem agregar a comunidade que se apresenta a cada dia mais heterogênea. Os encontros devem ser realizados de maneira contínua, através de reuniões gerais e o recurso à comunicação escrita, isto é, devem haver frequência e diversidade nos encontros, para que as ações se tornem eficientes.

A ausência das referências, sobretudo a dos pais, de maneira contínua, agrava consideravelmente no desenvolvimento e bem-estar da criança. Quando os pais por razões ligadas ao mercado de trabalho se ausentam, as crianças automaticamente começam a tomar decisões por conta própria sem as referências culturais seguras, o que comumente têm ocasionado inúmeros problemas relacionados ao caráter do aprendiz. Por este motivo, a escola tem aumentado a precisão dos professores elaborarem atividades de extensão que unam as escolas e as famílias, colaborando para a reformulação de pequenas comunidades de auxílio aos alunos que se tornem uma presença estável na vida das crianças (SZYMANSKI, 1994).

Ao colocar os valores das escolas em consonância com os valores da família, sem infringir os aspectos culturais de cada um, a aprendizagem acontece com mais aptidão. Em grupos homogêneos, onde os docentes e toda composição escolar dividem os mesmos valores, padrões culturais e linguagem que os pais dos aprendizes, a escola encontra um pouco mais de facilidade, pois precisa apenas dar

continuidade ao ensino. Entretanto, as escolas têm encontrado grupos estudantis heterogêneos, onde temos pais e professores com valores culturais destoantes, o que ocasiona em determinados casos, contratempos no que se refere a adaptação e aprendizagem.

Outro fator que ocasiona pontos negativos é a não divisão do que é atribuição de cada grupo, ou seja, função da família e da escola, o que não raras vezes ocasionam conflitos e equívocos. Um exemplo muito comum é quando os pais não acompanham de maneira satisfatória o crescimento dos filhos e confidenciam a tarefa que lhes são obrigações – a de educar os filhos – a escola (POLONIA; DESSEN, 2005).

A escola é dos pilares fundador da vida cidadã e formativa dos indivíduos, mas não possui a atribuição de permutar questões disciplinadoras educacionais aos alunos. Se continuarmos tendo pais que fazem todas as vontades dos filhos, sem regras e normas, a escola e, sobretudo, os professores ainda continuarão tendo que gestar a educação dos alunos, perdendo, de certa forma, o foco de formação cidadã no quesito de conhecimento. É preciso que as instituições escolares saibam com clareza o que são suas funções, obedecendo as fronteiras existentes entre o que é função da família e o que é das unidades escolares. Sendo assim, a família precisa respeitar as normas e autoridades adotadas nas escolas e não querer salvaguardar os filhos destes quesitos imprescindíveis e necessários para o bom desenvolvimento do trabalho e dos resultados dos alunos.

Ambos – escola e família - têm um mesmo objetivo, o de transformar a criança em um agente atuante na sociedade, com princípios maduros, conscientes de seus deveres e obrigações, participativo e atuante, crítico e autônomo para desenvolver valores éticos e interagir de maneira correta no meio que vive; mas é importante saber qual é a função de cada, sem prejudicar um ao outro. Assim a família e a escola precisam criar laços de “estreitamento de relações, porque o ajuste entre ambas e a união de esforços para a educação das crianças e adolescentes deve redundar, sem dúvida nenhuma, em elemento facilitador de aprendizagens e de formação do cidadão” (BRAMBATTI, 2010).

Destarte, assim como os autores mencionados no decorrer do texto, ressaltamos a necessidade da escola repensar a prática pedagógica, ponderando que os aprendizes que possuem características singulares precisam de um trabalho parceiro com as famílias, uma vez que se a escola almeja adquirir uma concepção

geral das experiências dos alunos, na procura de criar o aprazimento pelo conhecimento, é preciso reconhecer que deve exercer o bem estar, incorporando as inúmeras dimensões do ser humano. Isso se faz válido a medida que a criança e sua família saibam o que a escola almeja alcançar, sabendo que são os beneficiados no processo, ajudando na empreitada com mais aplicações autônomas na procura do sucesso da principal atividade das instituições escolares – o ato de aprender – construindo cidadãos que saibam desenvolver suas faculdades espirituais e funcionais, físicas e sociais em consonância com as necessidades da comunidade atual, levando em consideração as mudanças céleres que ocorrem no mundo.

Considerações Finais

Verificamos, pelo trabalho, que tanto a escola quanto a família possuem metas em comum; no entanto, cada uma precisa elaborar/realizar sua tarefa para alcançar um caminho mais eficiente no processo de ensino aprendizagem, que almeja escoltar as crianças a um futuro melhor. O mais indicado é que a família e a escola elaborem os mesmos objetivos de maneira concomitante, dando ao aprendiz uma determinação na aprendizagem, de maneira que construa cidadãos críticos, aptos a enfrentar a heterogeneidade de situações que aparecem na sociedade.

As famílias e a escola muito podem contribuir ao ofertar o desenvolvimento pleno da criança, que assume dois papéis de extrema importância, a de filho e a de aluno. Por isso, alguns critérios são essenciais a serem adotados por ambos os grupos. Brambatti (2010), apresenta uma lista destas concepções no âmbito da família e da escola que reescrevemos no parágrafo abaixo:

No que se refere ao trabalho da família, destacamos: (i) optar pelas escolas a partir de critérios que lhes oportunizem terem confiança da maneira como a escola funciona diante de circunstâncias importantes; (ii) conversar com os filhos acerca do conteúdo que está sendo apreendido na escola; (iii) obedecer as regras estipuladas pela escola de maneira espontânea e consciente; (iv) permitir que o filho resolva independentemente os problemas que surjam no espaço escola, sobretudo no quesito de socialização; (v) estimular o contato com a escola, especialmente nas reuniões e entrega de resultados, onde poderão se comunicar acerca dos

obstáculos manifestado no dia a dia do filho, do mesmo modo que o seu desempenho.

No que se refere ao trabalho da escola, destacamos: (i) o cumprimento da proposta pedagógica proposta aos pais, de maneira harmoniosa nos processos e atitudes cotidianas; (ii) oportunizar ao aprendiz a liberdade para se manifestarem no ambiente escolar, de maneira que seja encarado como o principal componente deste espaço; (iii) acolher os pais de maneira positiva, através de reuniões periódicas, para repassar informações referentes ao desempenho do aprendiz e, especialmente, demonstrar o papel de orientador quando necessitar de ajuda/apoio nas tarefas escolares; (iv) fazer com que os responsáveis pelos alunos se sintam a vontade para participarem das atividades dos filhos, viés atividades culturais, esportivas etc.; (v) o mais importante, a escola precisa manter os professores com recursos atualizados, manter uma administração adequando, de maneira que proporcione um ensino de qualidade para os discentes.

Diante do posto acima, componho de opinião que prevalece a conduta da união entre família e escola num sentido único de formação e aprendizagem. Trazendo assim, contribuições para o futuro não de um fracasso, mas de um sucesso fortalecido acreditando nas ações podendo gerar no indivíduo o processo ensino aprendizagem.

Deste modo, a família e a escola precisam se enxergarem como aliadas de um mesmo propósito, isto porque, como ao longo do texto, ambas possuem um mesmo propósito e são responsáveis pelo que produz, por isso o cuidado para não contrariar ou reforçar a atuação de uma e de outra. O estreitamento desta relação pode oportunizar ao aprendiz um fator atenuador de aprendizagens e de formação do cidadão. A adoção da postura de companheirismo na formação educacional do ser humano é primordial para o êxito da educação de todo o indivíduo e, conseqüentemente, para o da sociedade.

O que tiramos de toda essa discussão é que não há uma espécie de fórmula mágica para se efetuar a relação família/escola, uma vez que cada escola e cada família possui uma realidade destoante. Outrossim, o convívio família e escola é de extrema importância para que possam se conhecer e edificar juntas uma relação de diálogo mútuo, manobrando as diversidades e dificuldades de cada uma, no almejo de manter uma aproximação maior que fitam o mesmo propósito: a formação das crianças.

Referências

ARANTES, Josabete Rodrigues Teixeira. **Relação família e escola**: a participação da família no contexto escolar e o pedagogo como mediador desta relação em nível fundamental. 2011. 52 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011. Disponível em: <<http://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/JOSABETE%20RODRIGUES%20TEIXEIRA%20ARANTES.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

ARIÈS, Phillippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1978.

BRAMBATTI, Fabiana Fagundes. A importância da família na educação de seus filhos com dificuldades de aprendizagem escolar sob a ótica da psicopedagogia. **Revista de Educação do IDEAU**, v. 5, n. 10, p. 1-16, jan./jun. 2010. Disponível em: <https://www.ideau.com.br/getulio/restrito/upload/revistasartigos/201_1.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2018.

BRENDLER, Ângela. **Família no contexto escolar**: sua participação no processo de aprendizagem. 2013. 28 f. Monografia (Especialização em Gestão Educacional) – Universidade Federal de Santa Maria, Tio Hugo, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/522/Brendler_Angela.pdf?sequence=1>. Acesso em: 25 jul. 2018.

CHAVES, Antonio Marcos; CABRAL, Aita; RAMOS, Ana. E.; LORDELO, Lia; MASCARENHAS, Roberta. Representação social de mães acerca da família. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 1-8, 2012. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/jhgd/article/download/39679/42537>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

COSTA, Sueli Silva Gorricho. A interpretação de textos poéticos em pares e o processo de interação. In: 25º REUNIÃO ANUAL DA ANPED: EDUCAÇÃO: MANIFESTOS, LUTAS E UTOPIAS, 25., 2002, Caxambu. **Anais...** Caxambu: ANPED, 2002. s./p. Disponível em: <25reuniao.anped.org.br/posteres/suelisilvagorrichocostap10.rtf>. Acesso em: 25 jul. 2018.

CURY, Augusto Jorge. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

DESSEN, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana da Costa. A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano. **Paidéia**, São Paulo, v. 17, n. 36, p. 21-32, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v17n36/v17n36a03>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

DURKHEIM, Emile. **As regras do método sociológico**. Trad. Maria Isaura P. Queiroz. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974. Disponível em:

<<https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/durkheim-c3a9-as-regras-do-mc3a9todo-sociolc3b3gico.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

FERNANDÉZ, Alicia. **Inteligência aprisionada**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.

FIALE, Luciana Amaral. Fracasso Escolar: família, escola e a contribuição da psicopedagogia. **Org. Soc.**, Iturama (MG), v. 5, n. 3, p. 128-139, jan./jun. 2016. Disponível em: <http://www.unifai.edu.br/publicacoes/artigos_cientificos/alunos/pos_graduacao/18.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

PARRAT-DAYLAN, Silvia. **Como enfrentar a indisciplina na escola**. São Paulo: Contexto, 2012. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=XspnAwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT5&dq=crian%C3%A7as+indisciplinadas+e+escola&ots=2NtzWUajYl&sig=BRTB3YfxTBk5uBcdjasmftPV_rds#v=onepage&q=fam%C3%ADlia&f=false2>. Acesso em: 25 jul. 2018.

POLONIA, Ana da Costa; DESSEN, Maria Auxiliadora. Em busca de uma compreensão das relações entre família e escola relações família-escola. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 303-312, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v9n2/v9n2a12>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

SAMPAIO, Talita Leite. **A importância da relação família e escola na formação do aluno**. 2012. 55 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Pedagogia) – Faculdade Cearense, Fortaleza, 2012. Disponível em: <<https://www.faculdadescearenses.edu.br/biblioteca/TCC/PED/A%20IMPORTANCIA%20DA%20RELACAO%20FAMILIA%20E%20ESCOLA%20NA%20FORMACAO%20DO%20ALUNO.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

SANTOS, Lucimar Espirito. **Família e Fracasso Escolar: algumas aproximações**. 23 f. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2014. Disponível em: <http://www.dfe.uem.br/TCC-2014/lucimar_espiritos.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2018.

SZYMANSKI, Heloísa Gomes. Educação para família: uma proposta de trabalho preventivo. **Rev. Bras. CKSC. Des. Hum.**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 34-39, 1994. Disponível em: <<http://www.journals.usp.br/jhgd/article/view/37714/40439>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Projeto político pedagógico da escola: uma construção possível**. 19.ed. Campinas, Papirus, 1995.

VYGOSTSKY, Lev Semyonovich. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1989.